

**O USO DE ANTIDEPRESSIVOS POR PROFESSORES: UMA REVISÃO
BIBLIOGRÁFICA**

***THE USE OF ANTIDEPRESSANTS BY TEACHERS:
A LITERATURE REVIEW***

Michelle Marcilio Soares

mi.faifer@hotmail.com

Graduada em Farmácia pela Faculdade de Rolim de Moura – FSP

Talisson Gabriel Duarte de Oliveira

talissongabriel2010@hotmail.com

Graduado em Farmácia pela Faculdade de Rolim de Moura – FSP

Eraldo Carlos Batista

eraldo.cb@hotmail.com

Doutorando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica – PUCRS

Professor Substituto da UNIR

RESUMO

O adoecimento psíquico do professor quase sempre está associado às más condições de trabalho e às limitações a que ele é exposto. Apontados como uma das categorias profissionais mais propensas à depressão os professores têm cada vez buscam tratamento por meio dos psicofármacos. Diante do breve exposto, este artigo objetiva contextualizar o adoecimento docente e sua relação com o uso de antidepressivos, sendo uma pesquisa bibliográfica exploratória, para a qual se utilizou de fontes bibliográficas, nas bases de dados LILACS, SciELO e BIREME, publicados no período de 2009 a 2017, apontando o estresse ocupacional, a síndrome de *Burnout* e a depressão como as doenças mais recorrentes, relacionadas ao trabalho docente, o que populariza os antidepressivos como o psicofarma mais utilizado para o tratamento terapêutico. Diante dessa realidade, conclui-se que a categoria docente necessita de um olhar, daqueles que lidam com a educação, voltado à sua saúde, principalmente, no que se refere à saúde mental, o que justifica a importância deste estudo.

Palavras-Chave: Antidepressivo. Professor. Trabalho docente

ABSTRACT

The psychic illness of the teacher is almost always associated with the suffering experienced by the poor working conditions and the limitations to which he is exposed. Pointed as one of the professional categories most prone to depression, teachers have increasingly sought treatment through psychotropic drugs. The objective of this article was to contextualize

teacher illness and its relation with the use of antidepressants. This was an exploratory bibliographical research, for which the search was used. The databases LILACS, SciELO and BIREME published in the period from 2009 to 2017 were used. The literature consulted pointed out that the main diseases related to teaching work are the occupational stress, Burnout syndrome and depression. Antidepressants have become the most widely used psychotropic drug for therapeutic treatment. Faced with this reality, it is concluded that the teaching category needs a look, from those who deal with education, focused on their health, especially with regard to mental health.

Keywords: Antidepressant. Teacher. Teaching.

INTRODUÇÃO

O trabalho é uma atividade de caráter social para desenvolvimento pessoal e formação de identidade, podendo ser gerador ou não de saúde e qualidade de vida, as quais possuem complexas relações, dependentes de um contexto sociocultural e econômico, além de questões físicas e emocionais individuais (TABELIÃO; TOMASI; NEVES, 2011). No mundo do trabalho, o adoecimento sempre foi um fator inerente à situação de exploração, condições superdimensionadas para as suportações física e psíquica do trabalhador (FORATTINI; LUCENA, 2015).

No que se refere ao trabalho docente, este é visto como interativo, adquirindo características profissionais na sociedade industrial moderna. O professor tem um importante papel no desenvolvimento do presente e das futuras gerações, pois dirige os alunos no processo do saber, estimulando seu desenvolvimento pessoal e intelectual; ou seja, o desempenho da sua função passa por um processo de formação pedagógica, aquisição de conhecimento específico e aprendizado para lidar com os diversos tipos de comportamento. E para conseguir cumprir suas responsabilidades, muitos professores trabalham em sistema de dedicação exclusiva, com longas e cansativas jornadas de trabalho (SOUZA; NETO FILHO, 2010).

Devido a toda essa complexidade que envolve o trabalho docente, é possível perceber que tal classe trabalhadora é um alvo fácil das enfermidades relacionadas aos sofrimentos psíquicos, portanto, merece ser observada com atenção. Dessa forma, a presente pesquisa se justifica pela necessidade de refletir sobre as formas de como a atividade docente interfere na saúde do professor e como estes sujeitos estão expostos às doenças ocupacionais. Ainda se

torna relevante conhecer essas patologias e as formas de tratamento, sobretudo as terapias farmacológicas, representadas neste trabalho pelos antidepressivos.

Diante da problemática apresentada, este estudo tem como questões norteadoras as seguintes indagações: quais são os fatores inerentes ao adoecimento psíquico do professor? Quais são as principais doenças relacionadas ao trabalho docente? Quais os benefícios do uso de antidepressivos pelo professor? Para responder a tais questões, contextualizou-se o adoecimento psicoemocional do professor e o uso de antidepressivos como terapia farmacológica, fundamentando-se na revisão bibliográfica, baseando-nos na leitura e análise da Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS); da Scientific Electronic Library Online (*SciELO*); do Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME) e periódicos especializados na temática.

Utilizaram-se os descritores: “antidepressivo”, “depressão”, “síndrome de *Burnout*”, “antidepressivo”, “estresse profissional”, “estresse”, “estresse ocupacional”, “saúde”. A busca foi feita no período compreendido entre 2009 e 2017, cruzando-se o unitermo “professor” com os outros citados, e selecionando-se artigos publicados em língua portuguesa.

Após a seleção dos artigos, fez-se busca ativa entre as citações bibliográficas para identificar artigos de relevância que não tivessem aparecido no primeiro levantamento. Em seguida, foram selecionados artigos conceituais, de revisão e de resultados de dados empíricos acerca do uso de antidepressivo pelo professor e de adoecimento ocupacional docente.

O TRABALHO DOCENTE E O ADOECIMENTO PSÍQUICO

O trabalho faz parte da história da humanidade desde a pré-história até os tempos modernos. Proveniente de uma perspectiva filosófica marxista, compreende-se trabalho enquanto uma atividade especialmente humana, uma ação que compõe o processo de existência do homem (COSTA; VARANI, 2017); ou seja, uma atividade de ação/transformação do homem sobre a natureza e sobre suas próprias produções, podendo, também, ser considerado como um esforço qualquer na realização de uma tarefa para obtenção do seu sustento e do bem-estar. Entretanto, muitas vezes, o trabalho pode se tornar forçado, penoso, um esforço obrigatório e pouco reconfortante. Quando o exercício do trabalho vem de organizações que são baseadas em modelo de dominação, todas essas características podem ser observadas de maneira bem visível (FERREIRA, 2011).

No decorrer do tempo, o professor ultrapassou seu papel de ser apenas mediador do processo de conhecimento do aluno, ampliando a missão do profissional para além da sala de aula, já que, além de ensinar, deve participar do planejamento escolar, estendendo-se à família e à comunidade (SCANDOLARA et al., 2015), uma vez que realiza, também, trabalhos administrativos, de investigação, de orientação de alunos e de atendimento aos pais, sem deixar de lado uma formação didático-pedagógica e de conhecimentos de sua área das mais modernas técnicas, métodos e recursos didáticos de ensino, como elaboração, desenvolvimento e avaliação do processo de aprendizagem, e de projetos interdisciplinares no intuito de vincular a teoria com a prática (BATISTA; NASCIMENTO, 2015).

Portanto, existe atualmente uma dilatação do entendimento do que faz parte do pleno exercício das atividades docentes. A ampliação das atividades geradas pelas políticas mais recentes exige do professor o desenvolvimento de novas competências, principalmente as de natureza relacional. Entretanto, os professores encontram-se, muitas vezes, diante de situações para as quais não se sentem preparados (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009).

Segundo Rausch e Dubiella (2013), os professores se sentem submetidos a ritmos de trabalho acelerado, possuem maior número de alunos por sala de aula, têm diminuído seu salário e valorização profissional, e, ainda, sentem a ausência da família, no apoio e no acompanhamento dos educandos, o que acarreta na falta de limites dos alunos.

Portanto, as condições e a organização do trabalho dos professores possuem cada vez mais características que os expõem a fatores estressantes, os quais, se persistentes, podem levar ao seu adoecimento. Nesse sentido, é possível inferir uma possível associação entre as condições de trabalho, a saúde do professor, as práticas educativas dos professores e a aprendizagem e problemas de comportamento dos alunos (SILVA; BOLSONI-SILVA; RODRIGUES; CAPELLINI, 2015).

O exercício da docência é de grande valia para o desenvolvimento da cidadania, para contribuir com o desenvolvimento do ser humano e para fazer a construção da história de um país. Entretanto, na atualidade, os professores vivenciam um momento de crise, com clara desvalorização da classe, níveis exacerbados de violência nas escolas, descrédito da educação e desenvolvimento de doenças psíquicas. Debater o adoecimento do professor requer discussões sobre o contexto social, bem como sobre as condições físicas e emocionais em que ele está inserido (FERREIRA, 2011).

Dentro desse contexto, pode-se analisar que o professor vem sendo exposto a grandes transtornos em sua profissão, podendo vir a desenvolver doenças psíquicas no exercício da docência, no qual fatores estressantes podem contribuir para o seu adoecimento.

Doenças Ocupacionais dos Docentes

Quando o trabalho passa a exigir esforço do indivíduo, antes de adoecer psicologicamente, ele experimenta a fase de tensão e de sofrimento mental com ansiedade, tensão e insatisfação, trazendo, conseqüentemente, o uso de ansiolíticos. A manutenção dos fatores causadores leva à fase de adaptação precária, surgindo por parte do indivíduo defesas psicológicas individuais como negação, racionalização, transferência de responsabilidade, regressão e fuga (FERREIRA, 2011).

No que se refere ao trabalho docente, sabe-se que o adoecimento dos professores vem sendo correlacionado às condições de trabalho de forma crescente na literatura educacional, visto que o docente tem sido marcado por significantes mudanças e desafios diante das constantes transformações relacionadas a sua atividade, o que o categoriza como um dos grupos profissionais mais propensos às doenças psicoemocionais, a exemplo do estresse, *Burnout* e depressão, esta última em maior proporção (SEGAT; DIEFENTHAELER, 2013), podendo leva-lo ao abandono da profissão.

É importante considerar que a depressão pode ser encarada como uma patologia específica com diagnóstico próprio, ou pode estar associada a outras patologias de caracteres mais graves e de tratamentos mais complexos, como, por exemplo, a Síndrome de Burnout, que corresponde ao estresse diretamente relacionado e causado pela atividade laboral de profissionais que trabalham diretamente com pessoas (CARLOTTO, 2010).

Estresse Ocupacional

Diante dos desafios que o professor encontra no seu cotidiano, é possível que processos de estresse possam se manifestar, o qual pode ser entendido como um processo fisiológico resultante de respostas a eventos internos e externos, ao passo que o estresse profissional é também percebido como resultante das condições laborais e individuais, uma vez que as exigências impostas ao professor ultrapassam sua capacidade de lidar com elas (SILVEIRA; ENUMO; BATISTA, 2014).

O estresse ocupacional é encontrado no ambiente de trabalho, na capacidade de se

adaptar, ou não, a diferentes situações vividas, estando sempre envolvido o equilíbrio entre exigência e competência (SOUZA; GUIMARÃES; ARAUJO, 2013). E é nesse ambiente que os professores são submetidos a situações de estresse pela pressão a que estão sujeitos no seu dia a dia profissional, já que, em suas atividades pedagógicas, apresentam sentimentos de desilusão, desmotivação e dificuldades em lidar com situações novas requeridas no ambiente educacional (SCANDOLARA et al., 2015). A incapacidade de lidar com essas fontes de pressão pode ser determinante para o surgimento de fatores que desencadeiam o estresse no trabalho.

Diante do que foi apontado a partir desses dados, fica evidente que a identificação precoce dos eventos estressores é importante na prevenção da saúde mental do professor, pois níveis elevados de estresse, que durem um longo período de tempo, podem levar a um mau funcionamento do organismo e ao desenvolvimento de doenças, tornando-se dessa maneira prejudicial ao indivíduo (SILVEIRA; ENUMO; BATISTA, 2014). Desse modo, é importante que esses profissionais, ao perceberem quaisquer sintomas que possam indicar possíveis níveis de estresse ocupacional, procurem ajuda de um profissional.

Síndrome de *Burnout* pedagógico

Profissões que demandam condições específicas de trabalho e grande interação com o público, como a do professor, geram sobrecarga, devido aos fatores estressantes inerentes à função. Essa sobrecarga tem sido estudada em alguns países, identificada pelo nome de Síndrome de *Burnout*; A palavra *burn out* ou *burnout* vem do inglês “queimar até a exaustão”, ou seja, indica o esgotamento que sobrevêm posteriormente à utilização de toda a energia disponível. A Síndrome de *Burnout* pode ser concebida como uma reação à tensão emocional crônica, pela ação de lidar excessivamente com pessoas no ambiente laboral. Ela designa algo que deixou de funcionar por exaustão de energia. Pode-se dizer que o termo descreve uma síndrome com características associadas, que representam uma resposta aos estressores laborais crônicos (MELO et al., 2015; PÊGO; PÊGO, 2016).

Na compreensão de Segat e Diefenthaler (2013), o quadro clínico do paciente com *Burnout* pode envolver depressão, ansiedade, inflexibilidade, irritabilidade e perda do interesse. Ainda apresenta sintomas físicos como fadiga, dores de cabeça, dores generalizadas, exaustão (esgotamento físico temporário), alteração do sono, transtornos no aparelho digestório, disfunções sexuais, entre outros sintomas comportamentais.

No trabalho docente, o *Burnout* apresenta como sintoma principal a perda do sentido da sua relação com o trabalho, exaustão, desligamento do trabalho e sensações de ceticismo, além de falta de realização e sensações de ineficácia. Ou seja, a forma como professores interagem, por meio de suas práticas educativas, com seus alunos podem favorecer ou dificultar o desenvolvimento emocional e/ou acadêmico dos alunos comprometendo suas habilidades sociais e gerando problemas de comportamento (SILVA et al., 2015). Com isso, as graves implicações negativas geradas e a alta prevalência de *Burnout* em professores tem aumentado a preocupação dos pesquisadores, pois sua ocorrência afeta o ambiente educacional e a qualidade de aprendizagem, além de levar os profissionais a um processo de alienação, problemas de saúde, apatia e intenção de abandonar a profissão (CARLOTTO, 2014).

De acordo com uma pesquisa realizada com 119 professores do Ensino Fundamental da Rede Pública, 70,13% dos participantes apresentaram sintomas de *Burnout* (LEVY; SOBRINHO; SOUZA, 2009). Estudo realizado por Souza et al. (2016) com 220 professores, cujo objetivo foi verificar a relação entre as dimensões da síndrome de *burnout* e os valores humanos dos professores da rede pública estadual da cidade de João Pessoa – PB, observou-se que 26,8% da amostra apresentam níveis de exaustão emocional acima da média. Silva, et al. (2015), ao correlacionarem as variáveis condições de trabalho do professor, indicadores de *burnout* e práticas educativas do professor em um estudo com 94 professores do ensino regular de um curso de aperfeiçoamento (EAD) com turmas com a inserção de alunos com deficiência e/ou salas de recursos multifuncionais, concluindo que o exercício profissional de professores é permeado por situações que oferecem riscos às saúdes física e emocional, decorrentes das condições existentes no ambiente e na infraestrutura escolar, dos aspectos relativos à organização do trabalho, do sistema de ensino, das transformações resultantes da reforma no setor educacional e do repertório de habilidades sociais do professor.

Sendo assim, qualquer tentativa de redução da vulnerabilidade do professor aos estressores do seu cotidiano será uma medida preventiva para minimizar a possibilidade do docente vir a desenvolver a síndrome de *Burnout*.

Depressão

A depressão é um transtorno do humor grave que pode ocorrer em todas as faixas etárias e nos mais variados grupos sociais, transformando-se em uma patologia cada vez mais

frequente na atualidade. É uma síndrome considerada heterogênea e multifatorial, uma vez que condições genéticas, ambientais e comportamentais regulam a sua expressão. Portanto, os fatores causais da depressão não são em si excludentes, mas complementares, envolvendo o sujeito em sua totalidade (PINHEIRO et al., 2017; CYBULSKI; MANSANI, 2017).

Quanto à utilização do termo depressão, é importante distinguir o quadro patológico da depressão das alterações normais do humor diante de perdas e separações, dos conflitos nas relações interpessoais, dos insucessos que fazem parte do cotidiano. A depressão caracteriza-se por manifestações de casos mais graves, com sintomas emocionais como queixa psíquica de humor deprimido por meio de tristeza e abatimento, fadiga, sensação de perda de energia, dificuldade de concentração, perda de memória e até suicídio, podendo, se apresentar, também, por meio de queixas somáticas, a exemplo dos aumentos ou das diminuições de sono, de apetite e de peso.

Além dos sintomas citados acima, é recorrente também pensamentos pessimistas, ideias de incapacidade, perda de memória, diminuição na capacidade de resolver problemas e sentimento de culpa, acompanhados, inclusive, por fadiga e diminuição da atividade física, representados por sintomas motivacionais como passividade, baixa energia e diminuição da iniciativa para executar funções necessárias e básicas para (PINHEIRO et al., 2017; BATISTA; CARLOTTO; MOREIRA, 2013). Tais informações coadunam e estão relacionadas com a Classificação Internacional de Doenças (CID), ao reconhecer que o Episódio Depressivo pode apresentar-se em três graus: leve, moderado e grave, caracterizados por: perda de interesse e do prazer, humor deprimido, fadiga aumentada e atividade diminuída, autoestima e autoconfiança reduzidas, concentração e atenção reduzidas, ideias de culpa e inutilidade, ideias ou atos lesivos ou suicídio, visões desoladas e pessimistas do futuro, sono perturbado e apetite diminuído (CID-10, 2012).

A depressão se populariza cada vez mais, afetando cerca de 340 milhões de pessoas em todo mundo, responsável por atingir a produtividade dos pacientes em 10% ao longo da vida, com graus perturbadores de autodepreciação, isolamento social, apatia, distúrbios de sono, sentimento de culpa, podendo levar um número considerável de doentes ao suicídio todos os anos (COUTINHO; FILHO, 2010), reconhecidamente como um problema de saúde pública. É uma doença complexa, que pode levar a complicações que atingem inúmeras esferas da vida de um indivíduo (CYBULSKI; MANSANI, 2017), apontada como a quarta doença mais presente no mundo, segundo pesquisas, que aproximadamente 121 milhões de

pessoas no mundo são afetadas. Dessas, menos de 25% dos deprimidos têm acesso ao tratamento. Em média, 5 a 10% da população mundial sofrerão ao menos um episódio de depressão ao longo da vida (BARBOSA; MACEDO; SILVEIRA, 2011).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) no ano de 2012 o diagnóstico de depressão figura como uma das principais causas de afastamento do trabalho dentre todas as patologias listadas no planeta e afetaria 350 milhões de pessoas, de todas as idades, no mundo todo (OMS, 2012). A agência ainda estima que até 2020, a depressão ocupará o segundo lugar entre as doenças, perdendo apenas para as enfermidades cardiovasculares. Nesse grupo, incluem-se os transtornos bipolares e unipolares (depressão maior e distímia), assim como os transtornos de humor induzidos por substâncias ou oriundos de condição médica geral (MATOS, 2013), atingindo em maior número as pessoas do sexo feminino: 10 a 20%, e os homens, 5 a 12%. Em média, 15% dos deprimidos graves cometem suicídio (BARBOSA; MACEDO; SILVEIRA, 2011)

Ao observar a incidência de depressão em mulheres é perceptível certas características significativas como: quadros crônicos e repetitivos, seu curso tende a ser mais demorado, picos de piora em ocasiões de flutuação hormonal (fase pré-menstrual, gravidez, puerpério e climatério/menopausa), maior quantidade de sintomas e somatização, maior resistência ao tratamento. Nos casos depressivos na mulher, também pode ser desencadeado ou agravado por endometriose, câncer de mama, uso de contraceptivos, síndrome dos ovários policísticos, períodos peri-ou pós-histerectomia ou ooforectomia e tratamento para infertilidade (SOUZA, 2012).

Em Erechim, no Rio Grande do Sul, foi realizada uma pesquisa com professores da Rede Estadual, Municipal e Privada de Ensino Fundamental e Médio, com 106 professores entrevistados, entre os quais 34,9% usavam medicamentos antidepressivos, sendo a maioria do sexo feminino (SEGAT; DIEFENTHAELER, 2013). Em outra pesquisa realizada em João Pessoa, na Paraíba, 414 fichas médicas de professores da Rede Municipal foram avaliadas, identificando-se que 97,1% pertenciam ao sexo feminino; nesse mesmo grupo de mulheres, 50,5% das licenças por transtornos mentais foram devido à depressão (BATISTA; CARLOTTO; MOREIRA, 2013).

Em razão da alta prevalência de depressão na população mundial, faz-se necessário ampliar o nível de conhecimentos sobre o emprego de antidepressivos, medicamentos disponíveis para o tratamento de tais situações tão frequentes, pois a depressão pode estar

associada a um número expressivo de outras condições clínicas ou pode ser a consequência paralela de algum medicamento. Por esse motivo, exames laboratoriais de rotina devem ser solicitados durante a avaliação inicial para eliminar outras causas determinantes dos sinais ou sintomas. Também é conveniente que seja levado em consideração o histórico familiar, a *anamnese* pessoal e uma adequada relação médico-paciente, que muitas vezes são mais esclarecedores do que exames ou investigações laboratoriais (SOUZA, 2012).

Entre os profissionais da educação, a depressão se faz presente e o número de professores afetados vitimados por esta doença vem aumentando significativamente. O afastamento não pode ser considerado como a melhor alternativa, sendo indicado que, primeiramente, o profissional procure uma reconciliação consigo mesmo, valorização da própria vida e determinação de novos desafios. Muitas vezes o profissional continua no exercício de suas atividades pedagógicas, no entanto se sabe que os níveis de autoestima afetam a valorização e a confiança pessoal, sendo responsáveis por fracasso e êxito na instituição de ensino, em relações interpessoais e no trabalho (STRIEDER, 2009).

As más condições de trabalho e o descaso com a categoria docente contribuem diretamente para o agravamento do quadro de saúde do professor. Por isso, é importante reconhecer e tratar os sintomas depressivos em tempo hábil, devendo-se avaliar e acompanhar a resposta ao tratamento, bem como as decisões tomadas em relação ao mesmo (CYBULSKI; MANSANI, 2017). O tratamento da doença ajudará na busca do bem-estar físico e psíquico, assim como na recuperação da sua saúde.

Antidepressivos

Em relação aos medicamentos empregados no tratamento da depressão, estes são conhecidos como antidepressivos e melhoram o humor e a psicomotricidade de maneira global por estimular o tônus psíquico. A descoberta das drogas antidepressivas ocorreu no final da década de 50 e sua utilização na prática clínica trouxe um avanço importante no tratamento dos transtornos depressivos (MENDES et al., 2015).

Os fármacos antidepressivos são aqueles usados para restaurar pacientes mentalmente deprimidos a um estado mental melhorado, reduzindo a intensidade dos sintomas (LIMA et al. 2014). Acredita-se que os antidepressivos possibilitam o aumento da disponibilidade de neurotransmissores do Sistema Nervoso Central (SNC), assim como a dopamina, a noradrenalina e a serotonina (SEGAT; DIEFENTHAELER, 2013).

Os antidepressivos atuam melhorando o humor e aumentando o tônus psíquico, produzindo o melhor desempenho do indivíduo, bem como o conforto emocional. O mecanismo de ação dos antidepressivos é baseado no aumento da biodisponibilidade de neurotransmissores no SNC, como a serotonina (5-HT), a dopamina (DA), a noradrenalina ou a norepinefrina (NE), juntamente com o aumento da sua sensibilidade e a diminuição do número dos neuroreceptores (COUTINHO; FILHO, 2010). Essa descoberta tornou a depressão um problema médico passível de tratamento, de forma semelhante a outros tipos de doenças, como é o caso da hipertensão arterial e o diabetes. Os antidepressivos, em sua maioria, elevam primariamente os níveis da norepinefrina ou da serotonina, ou de ambas, no sistema nervoso central, inibindo a recaptação destas nas terminações nervosas (LIMA et al., 2014).

Até meados da década de 50 do século passado, a depressão era vista pelos especialistas da área de saúde como uma doença rara, cuja incidência era muito inferior à da psicose maníaco-depressiva. A situação era tão desanimadora que os antidepressivos lançados em 1956, os Inibidores de Monoaminoxidase (IMAOs) e os antidepressivos tricíclicos (ADTs), lançados posteriormente, pouco recebiam atenção de seus fabricantes, que estavam mais preocupados em desenvolver drogas neurolépticas antipsicóticas (BUENO, 2011).

Devido ao mecanismo de ação dos novos fármacos se basearem especialmente no aumento da disponibilidade de neurotransmissores serotonina, noradrenalina e/ou dopamina na fenda sináptica, seja pela inibição (seletiva ou não) de suas receptações, seja pela inibição da enzima responsável por suas degradações (inibidores da monoaminoxidases), a teoria da hipótese monoaminérgica foi fortalecida. Contudo, apesar do grande avanço alcançado pela psicofarmacologia e dos progressos das pesquisas, ainda não há uma explicação completa e apropriada sobre seu modo de ação e, assim, utiliza-se de hipóteses para entender sua função (FULONE, 2011).

Os medicamentos antidepressivos são muito importantes no tratamento da depressão, mas a escolha do tratamento é da competência do médico. Dessa forma, com a escolha adequada do tratamento, o fármaco irá agir no cérebro e vai modificar, corrigir e regular o estado de humor do indivíduo. Atualmente, existe uma grande variedade de antidepressivos, os quais são classificados de acordo com sua estrutura química ou seu mecanismo de ação (BAES; JURUENA, 2017).

Estes psicofármacos podem ser classificados conforme a estrutura química ou as

propriedades farmacológicas e em grupos conforme seu mecanismo de ação, os quais são assim enquadrados: a) Classe dos tricíclicos: Amitriptilina, Nortriptilina, Clomipramina, Imipramina e Maprotilina; b) Inibidores Seletivos de Recaptação de Serotonina: Citalopram, Fluoxetina Fluvoxamine, Paroxetina e Sertralina; c) Antidepressivos atípicos: Bupropiona, Trazodona, Mefazodona; e d) Inibidores da monoaminaoxidase (IMAO): Fenelzina, Selegilina, Pargilina (CAMELO; DINELLY; OLIVEIRA, 2016).

A princípio, todos os antidepressivos são igualmente efetivos e o que determina o sucesso terapêutico é a indicação correta do antidepressivo de acordo com o quadro clínico do paciente (BAES; JURUENA, 2017). Entretanto, vale lembrar que existem diversos antidepressivos cuja eficácia clínica já está bem estabelecida, porém, até o presente momento, o que se tem demonstrado é que não existe superioridade comprovada de um destes fármacos sobre as demais.

DISCUSSÃO

Em linhas gerais, a bibliografia consultada aponta para um quadro educacional brasileiro com um cenário bastante preocupante no que se refere às questões relacionadas à saúde do professor. Observa-se que a categoria profissional docente tem adoecido cada vez mais e que o processo de morbidade precisa ser esclarecido e enfrentado de modo adequado. A falta de condições de trabalho, a desvalorização profissional e novos desafios enfrentados pelo professor, como baixos salários, escassos recursos materiais e didáticos, classes superlotadas, tensão na relação com alunos, inexpressiva participação nas políticas e no planejamento institucional. Acrescenta-se a esse contexto, as longas e cansativas jornadas de trabalho que muitos professores de dedicação exclusiva enfrentam para cumprir seus compromissos. Todos estes fatores, atualmente, têm se tornados aspectos potencialmente fortes e decisivos, no adoecimento dessa população (MELO et al., 2015; SCANDOLARA et al., 2015; SOUZA; NETO FILHO, 2010).

As dificuldades mencionadas, somadas à falta de implantação de medidas de caráter organizacional como: redução de alunos em sala de aula, limitação efetiva do número de horas de trabalho por semana e apoio diferenciado aos professores em função da idade, além de medidas relacionadas à saúde física, geram sobrecarga, que, conseqüentemente, irá afetar a saúde do trabalhador, principalmente, no que se refere à saúde mental. Dentre as doenças

resultantes, fatores inerentes à atividade de docência, a depressão tem sido a principal responsável pela maioria dos afastamentos destes trabalhadores (SCANDOLARA; WIETZIKOSKI; GERBASI; SATO, 2015). Quando não afastados, os professores diagnosticados com depressão precisam lidar diariamente com sintomas como: pensamentos pessimistas, sentimento de culpa, fadiga, alterações do sono e do apetite baixa energia entre outros (BATISTA; CARLOTTO; MOREIRA, 2013), que irão comprometer o seu rendimento profissional.

No entanto, é importante ressaltar que, quando a depressão não é tratada corretamente, ela pode perdurar por muito tempo, com sério prejuízo à vida do professor. Não só o trabalho, mas também a família e o lazer ficam muito comprometidos, podendo até ocorrer risco maior de suicídio. Acrescenta-se que a depressão, ainda que responda bem ao tratamento instituído, pode cronicar (LAFER et al., 2001). Por este motivo, é importante que o docente, ao perceber os primeiros sintomas, procure ajuda de um profissional.

Dentre as várias formas de tratamento da depressão, as terapias com grupos farmacológicos parecem atuar de maneira eficaz, no sentido de devolver a sensação de bem-estar. Tratamento medicamentoso constitui o fundamento da intervenção terapêutica para reduzir a duração e a intensidade dos sintomas do episódio atual e, principalmente, para prevenir sua recidiva. Isso porque, o medicamento fará com que o paciente se recupere e admita a necessidade de se tratar tanto com medicamentos de manutenção e/ou de prevenção quanto com psicoterapia que ampliará seu autoconhecimento e o ajudará na reintegração social e na retomada de sua individualidade (SOUZA; NETO FILHO, 2010; LAFER et al., 2001).

Este estudo mostrou que a depressão não é a única doença relacionada ao trabalho a afetar a saúde do professor, podendo estar associada a outras patologias como, por exemplo, a síndrome de *Burnout*, estresse ocupacional, ansiedade entre outras patologias causadas pela atividade laboral de profissionais que trabalham diretamente com pessoas (CARLOTTO, 2010).

O estresse como fator associado à depressão tem sido apontado em vários estudos sobre o adoecimento psíquico do professor. Por ser altamente estressante, muitos professores têm apresentado sinais de estresse e *burnout*, dentre os principais problemas de saúde, o que os deixa suscetíveis a desenvolver outras doenças como a depressão (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009; SCANDOLARA et al., 2015). Assim, o que se observa é que as relações entre o

processo de trabalho docente e as reais condições sob as quais o professor desenvolve suas atividades, parecem estar intrinsicamente associada ao seu possível adoecimento físico e mental

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão teórica apresentada neste artigo foi motivada pelo objetivo de contextualizar o uso de antidepressivos por professores. Os resultados mostraram que o exercício da profissão docente é permeado por ambiguidades. As precárias condições de trabalho que envolve a maioria das escolas, a violência presente no espaço escolar e a sobrecarga de trabalho têm contribuído para a manifestação de sintomas psíquicos nessa população. A depressão foi evidenciada como a principal patologia resultante do trabalho docente, seguido do estresse ocupacional e da síndrome de *Burnout*.

Os antidepressivos, aliados à psicoterapia, aparecem como alternativas de tratamentos pela sua eficácia na atuação instantânea no combate à depressão. Por outro lado, observou-se que ainda são poucos os estudos nacionais que abordam diretamente o uso de antidepressivos por professores, mesmo que, as pesquisas têm apontado para o crescimento do consumo destes medicamentos. Embora se não se refira a uma revisão não sistemática da temática em questão, apenas um artigo sobre o uso de antidepressivos por professores foi encontrado.

As lacunas identificadas no presente texto podem ser compreendidas pela ausência de um levantamento mais criterioso acerca do tema, como por exemplo uma revisão sistemática abrangendo não só estudos nacionais, mas também investigações internacionais inexistentes nesse estudo. Deste modo, sugerem-se novos estudos, sobretudo de desenhos longitudinais que revelam, para além da prevalência do uso de antidepressivos, mostrando as consequências deste pelos professores. Estudos qualitativos também seriam interessante para avaliar como os professores percebem o adoecimento psíquico e o uso contínuo de antidepressivos.

REFERÊNCIAS

ASSUNÇÃO, A. Á.; OLIVEIRA, D. A. Intensificação do trabalho e saúde dos professores. 2009. **Educação e Sociedade**, v. 30, n. 107, mai/ago. 2009. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/es/v30n107/03.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2016.

BAES, C. V. W.; JURUENA, M. F. Psicofarmacoterapia para o clínico geral. **Medicina (Ribeirão Preto, Online.)**, v. 50, n. Supl 1, p. 22-36, 2017. Disponível em: <<http://revista.fmrp.usp.br/2017/vol50-Supl-1/Simp3-Psicofarmacoterapia-para-o-clinico-geral.pdf>>. Acesso em: 04 set. 2017.

BARBOSA, F. O.; MACEDO, P. C. M.; SILVEIRA, R. M. C. Depressão e o suicídio. **Rev. SBPH**. v. 14, n.1, p. 233-24, jan/jun. 2011. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rsbph/v14n1/v14n1a13.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2016.

BATISTA, J. B. V.; CARLOTTO, M. S.; MOREIRA, A. M. Depressão como causa de afastamento do trabalho: um estudo com professores do ensino fundamental. **Psico**, v. 44, n. 2, p. 257-262, abr./jun. 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11551/9644>>. Acesso em: 19 set. 2016.

BATISTA, E. C.; NASCIMENTO, A. B. Percepção de acadêmicos quanto ao estímulo à criatividade por parte de seus professores. **Revista Brasileira de Ensino Superior**, v. 1, n. 2, p. 54-63, 2015. Disponível em: <<https://seer.imed.edu.br/index.php/REBES/article/view/1007/752>>. Acesso em 02 set. 2017.

BUENO, R. A. Era dos Antidepressivos. **Rev. debates em psiquiatria clínica**, v. 1, n. 1, p. 60, Jan/Fev 2011. Disponível em: <http://www.abp.org.br/download/revista_debates_jan_fev.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2016.

CAMELO, A. E. M.; DINELLY, C. M. N.; OLIVEIRA, M. A. S. Psicotrópicos: perfil de prescrições de benzodiazepínicos, antidepressivos e anorexígenos a partir de uma revisão sistemática. **Revista Eletrônica de Farmácia**, v. 13, n. 3, p. 111-122, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/REF/article/view/35226>>. Acesso em: 02 set. 2017.

CARLOTTO, M. S. Prevenção da síndrome de *Burnout* em professores: um relato de experiência. **Mudanças – Psicológicas da saúde**, v. 22, n. 1, p. 31-39, janeiro/junho. 2014. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/download/4782/4383>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

CARLOTTO, M. S. **Síndrome de *Burnout*: O estresse ocupacional do professor**. Canoas: Editora ULBRA, 2010.

CID -10 Classificação Internacional de Doença. 10. ed. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2012.

COSTA, A. A. F.; VARANI, A. Do trabalho coletivo docente: o conceito revisitado. **Crítica Educativa**, v. 3, n. 1, p. 50-66, 2017. Disponível em:

<<http://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/105/246>>. Acesso em: 02 set. 2017.

CYBULSKI, C. A.; MANSANI, F. P. An Analysis of Depression, the Risk Factors for Depressive Symptoms, and the Use of Antidepressants among Medical Students at Ponta Grossa State University. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 41, n. 1, p. 92-101, 2017.

Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbem/v41n1/1981-5271-rbem-41-1-0092.pdf>>. Acesso em: 02 set 2017.

COUTINHO, P. K.; FILHO, M. A. N. Depressão: conceito e tratamento. **Uningá Review**, v. 04, n. 03, p. 06-12, out. 2010.

Disponível em: <http://www.mastereditora.com.br/periodico/20130803_1714062.pdf>. Acesso em: 29 mar. 2016.

FERREIRA, C. M. **Adoecimento psíquico de professores: Um estudo de casos em escolas estaduais de educação básica numa cidade mineira**. 2011. 87f. Dissertação (Mestrado em Profissional em Administração) – Faculdade Administração, Faculdades Integradas de Pedro Leopoldo, Pedro Leopoldo, 2011.

FORATTINI, C. D.; LUCENA, C. A. Adoecimento e sofrimento docente na perspectiva da precarização do trabalho. **Laplage em Revista**, v. 1, n. 2, p. 32-47, 2015. Disponível em: <<http://www.laplageemrevista.ufscar.br/index.php/lpg/article/view/19>>. Acesso em: 02 set. 2017.

FULONE, I. **Uso de antidepressivos e benzodiazepínicos no sistema único de saúde de Porto Feliz – SP**. Sorocaba, 2011. Disponível em: <http://farmacia.uniso.br/prod_discente/2011/pdf/izabela_fulone.pdf>. Acesso em: 15 de jul. 2016.

LAFER, B. et al. **Depressão no Ciclo da Vida**. ARTMED, Porto Alegre, 2001.

LEVY, G. C. T. M.; SOBRINHO, F. P. N.; SOUZA, C. A. A. Síndrome de *Burnout* em professores da rede pública. **Produção**, v. 19, n. 3, p. 458-465, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prod/v19n3/04.pdf>>. Acesso em: 19 set. 2016.

LIMA, D. S. et al. Depressão e Antidepressivos: temas geradores para discussão de conceitos químicos no nível médio de ensino. **Revista Brasileira de Ensino de Ciência e Tecnologia**, v. 6, n. 3, 2014. Disponível em: <<https://revistas.utfpr.edu.br/rbect/article/view/154>>. Acesso em: 02 set. 2017.

MATOS, A. C. S. Terapia cognitivo-comportamental da depressão: relato de caso. **Rev. Ciênc. Méd. Biol.**, v.12, n. 1, p. 512-519, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/cmbio/article/viewFile/9203/6765>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

MELO, W. F. et al. *Síndrome de Burnout* em professores. **Revista Brasileira de Educação e**

Saúde, v. 5, n. 4, p. 01-06, 2015. Disponível em:
<<http://gvaa.com.br/revista/index.php/REBES/article/view/3651>>. Acesso em: 02 set. 2017.

MENDES NETO, G. V. et al. Agomelatina: um novo fármaco no tratamento da depressão. **Revista Eletrônica Parlatorium**, v. 9, n. 2 Julho-Dezembro de 2015, p. 76, 2015. Disponível em: <http://faminasbh.edu.br/upload/Parlatorium%2092016_2.pdf#page=76>. Acesso em: 02 set. 2017.

OMS. Organização Mundial da Saúde (**World Health Organization**). Disponível em: <<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs369/en/>>. Acesso em: 02 set. 2017.

PINHEIRO, M. N. et al. Identificação e compreensão de sintomas depressivos na infância em contexto escolar: desafios contemporâneos do educador. **Revista Pedagógica**, v. 19, n. 40, p. 155-171, 2017. Disponível em: <<http://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/pedagogica/article/view/3748>>. Acesso em: 02 set. 2017.

RAUSCH, R. B.; DUBIELLA, E. Fatores que promovem mal ou bem-estar ao longo da profissão docente na opinião de professores em fase final de carreira. **Rev. Diálogo Educ**, v.13, n. 40, p. 1041-1061, set/dez. 2013. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd99=pdf&dd1=12307>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

SCANDOLARA, T. B. et al. Avaliação dos níveis de estresse e depressão em professores da rede pública do município de Francisco Beltrão - PR. **Arq. Cienc. Saúde UNIPAR**, Umarama, v. 19, n. 1, p. 31-38, jan./abr. 2015. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/5262/3035>>. Acesso em: 02 set. 2017.

SEGAT, E.; DIEFENTHAELER, H. S. Uso de medicamentos antidepressivos por professores de escolas de diferentes redes de ensino em um município do norte do Rio Grande do Sul. **Perspectiva**, v. 37, n. 137, p. 45-54, mar. 2013. Disponível em: <http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/137_324.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2016.

SILVA, N. R. D. et al . O trabalho do professor, indicadores de *Burnout*, práticas educativas e comportamento dos Alunos: correlação e predição. **Rev. bras. educ. espec**, v. 21, n. 3, p. 363-376, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v21n3/1413-6538-rbee-21-03-00363.pdf>>. Acesso em 02 set. 2017.

SILVEIRA, K. A.; ENUMO, S. R. F.; BATISTA, E. P. Indicadores de estresse e estratégias de enfrentamento em professores de ensino multisseriado. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 18, n. 3, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v18n3/1413-8557-pee-18-03-0457.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2017.

SOUZA, M. C.; GUIMARÃES, A. C. A.; ARAUJO, C. C. R. Estresse no trabalho em professores universitários. **Revista de Atenção à Saúde**, v. 11, n. 35, 2013. Disponível em:

<http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_ciencias_saude/article/view/1805>. Acesso em: 02 set. 2017.

SOUZA, S. et al. Síndrome de *burnout* e valores humanos em professores da rede pública estadual da cidade de João Pessoa: Um estudo correlacional. **Análise Psicológica**, v. 34, n. 2, p. 119-131, 2016.

Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v34n2/v34n2a02.pdf>>. Acesso em: 02 set. 2017.

SOUZA, A. M. F.; NETO FILHO, M. A. Uso de medicamentos ansiolíticos por docentes da rede estadual de educação na cidade de Cacoal-RO. **UNINGÁ Review**, v. 4, n. 3, pág. 50-55, out. 2010.

Disponível em: <http://www.mastereditora.com.br/periodico/20130803_1714062.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2016.

SOUZA, C. A. C. Uso racional de antidepressivos. **Psychiatry On-line Brazil**, v. 17, n. 6, jun., 2012. Disponível em: <<http://www.polbr.med.br/ano12/art0612.php>>. Acesso em: 22 jan. 2017.

STRIEDER, R. Depressão e ansiedade em profissionais da educação das regiões da Amerios e da AMEOSC. **Roteiro**, v. 34, n. 2, p. 243-268, 2009. Disponível em: <<http://editora.unoesc.edu.br/index.php/roteiro/article/view/307>>. Acesso em: 03 abr. 2016.

TABELIÃO, V. P.; TOMASI, E.; NEVES, S. F. Qualidade de vida e esgotamento profissional entre docentes da rede pública de Ensino Médio e Fundamental no Sul do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v. 27, n. 12, p. 2401-2408, dez. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v27n12/11.pdf>>. Acesso em: 04 abr. 2016.